ORIGEM DOS DETENTOS

Geografia do encarceramento

Bangu e Bonsucesso encabeçam a lista de bairros onde moravam presidiários do Rio

CARINA BACELAR
carina.gomes@oglobo.com.br

Apesar de a sensação de insegurança, ampliada a cada tiroteio ou assalto, acometer cariocas de todas as partes da cidade, um levantamento inédito, com base em números da Secretaria estadual de Administração Penitenciária (Seap), revela que a origem dos presos do sistema está mais concentrada em alguns bairros. A ideia é que o mapeamento ajude o poder público a priorizar investimentos em cidadania e prevenção da violência nesses locais.

Segundo o estudo, conduzido pela Diretoria de Análises de Políticas Públicas (DAPP) da Fundação Getulio Vargas (FGV-Rio), os bairros de Bangu e Bonsucesso têm o maior número de endereços declarados pelos que entraram no sistema prisional. Os pesquisadores analisaram, nos sete primeiros meses deste ano, fichas de 18.438 detentos que passaram por prisões na cidade do Rio. Esse universo representa 38% de todos os 48.479 presos do estado.

Em números absolutos, 875 moravam em Bangu. Em Bonsucesso — que passa a ser o primeiro do ranking se considerada a taxa de criminosos por cem mil habitantes —, viviam 603 encarcerados. A lista segue com Campo Grande (541 presos), Santa Cruz (479) e Cidade de Deus (473). Em uma cidade com 160 bairros (segundo o Instituto Pereira Passos), só nesses cinco primeiros viviam 16% dos detentos do universo pesquisado.

> "Tem um foco grande em cima da repressão. Falta não deixar o jovem ser cooptado pelo crime"
>
> **Marco Aurelio Ruediger**
> Diretor da DAPP-FGV

Já os dez primeiros bairros do ranking (que incluem também Jacarepaguá, Centro, Realengo, Penha e Tijuca) somam, juntos, 31,8% dos presos. De acordo com os pesquisadores da FGV, o levantamento não pretende estigmatizar moradores, e sim ajudar o poder público a dirigir investimentos em programas sociais que ajudem a prevenir a entrada de jovens no crime. Os analistas observam que o percentual de presos, em todos os bairros citados, é ínfimo em relação a suas populações totais. Em Bonsucesso, por exemplo, que tem a maior taxa de presos por habitantes, a porcentagem de encarcerados sobre o total de moradores é de 3,2%.

— A gente acha que há um déficit também de complementaridade de políticas na área de segurança. Ou seja, existe um foco muito grande em cima da repressão ao crime. No entanto, isso não é suficiente, porque falta o outro lado, que é o de não deixar o jovem ser cooptado pelo crime — diz Marco Aurelio Ruediger, diretor da DAPP e coordenador do estudo.

BAIRROS COM HISTÓRICO DE ABANDONO

Os pesquisadores analisaram ainda as áreas que concentram mais crimes praticados pelos presos da cidade. Nesse caso, não conseguiram separar com precisão as ocorrências por bairros, e sim pelas regiões cobertas pelas delegacias. Dessa forma, o Grajaú, que sedia a 20ª DP, aparece em primeiro lugar, com 5.609 crimes. Em seguida vêm o Centro (onde ficam a 4ª e a 5ª DP), com 3.048, e Bangu, com 2.229.

Nos dois bairros que encabeçam o ranking, a concentração de endereços declarados por presos fica majoritariamente em favelas. No caso de Bonsucesso, ocorreu um fenômeno: muitos presos afirmaram morar no bairro quando, na verdade, viviam no Complexo da Maré. Já em Bangu, as comunidades de Vila Kennedy e Vila Aliança apareceram como os principais locais de residência, segundo o estudo. Em comum, de acordo com a socióloga Roberta Novis, uma das coordenadoras da pesquisa, Bonsucesso e Bangu têm um histórico de abandono pelo poder público:

— Podemos dizer que não só há convergência de endereços desses presos, mas de questões sociodemográficas. Temos índices baixos de renda per capita e de renda média familiar. Um cenário de abandono dessas regiões. Há também questões como a de acesso a saneamento básico. Estamos sinalizando a necessidade de uma atenção particular para esses lugares.

Na Maré, apesar de a região estar ocupada para a implantação de UPPs, o tráfico persiste. Mas, ao mesmo tempo em que jovens circulam fortemente armados, com fuzis e pistolas, pelas ruas, há quem percorra a comunidade incentivando-os a deixarem o crime. É o caso do historiador Higor Antônio da Silva, de 31 anos. Ele guarda até hoje uma foto de 1991 em que, aos 6 anos, ainda na educação infantil, posa com sete amiguinhos. Vivos, só restaram ele e dois colegas de classe — o resto morreu baleado. Higor afirma que pouco mudou desde a sua infância e que as oportunidades seguem desiguais para moradores de favelas:

— Acredito que as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) não são o caminho. Com outros projetos e muito menos dinheiro, podemos ter resultados melhores para os moradores. Um lugar como este precisa ser olhado com um olhar legal do Estado. Se houve grandes programas sociais aqui, a gente não sentiu o efeito. Se existe hoje uma geração de moradores que pode servir de exemplo, não tenho dúvida de que é mérito das ONGs — diz ele, que é um dos professores do pré-vestibular comunitário da ONG Redes de Desenvolvimento da Maré.

Na Vila Kennedy, ainda há muitos jovens sem ocupação pelas ruas. Poucos programas profissionalizantes, dizem moradores, incentivam a qualificação. Enquanto isso, esgoto a céu aberto e ruas com lixo acumulado ainda fazem parte da realidade da última área do Rio a receber uma UPP, em maio do ano passado. Os tiroteios seguem ocorrendo, mas com pouca frequência, na área do Metral.

— A maioria dos meninos está largada. Precisa ter alguma ocupação para eles. Eles querem fazer cursos profissionalizantes, mas não temos muitos — disse a costureira aposentada Georgina José, de 63 anos, que mora há 14 na Vila Kennedy. Há nove anos, ela enfrenta um riacho de esgoto, que corre em meio ao lixo, para chegar em casa, num trecho sem calçamento dentro da comunidade.

NÚMERO ALTO DE CRIMES NO GRAJAÚ

Já o fato de o Grajaú aparecer como o bairro com mais crimes cometidos surpreendeu especialistas e até policiais militares que atuam na região. Para o capitão Carlos Manhães, comandante da Companhia de Polícia de Proximidade local, o Grajaú é "tranquilo" e o dado é "surpreendente". Já o tenente-coronel Marcelo Rocha, comandante do 6º BPM (Tijuca), afirmou não poder apontar causas para o resultado, mas ressaltou que o bairro é residencial, com muitos idosos e rodeado por comunidades pacificadas.

— Verificamos prisões de pessoas do Morro do Andaraí, do Morro dos Macacos, do Complexo do Lins. Apreendemos também adolescentes que vêm da Mangueira, do Jacarezinho e do Complexo do Alemão — explicou.

> "Temos baixo índice de renda per capita. Há um cenário de abandono nessas regiões"
>
> **Roberta Novis**
> Socióloga e pesquisadora da DAPP-FGV

Para Roberta Novis, apesar de o objetivo da pesquisa não ser determinar as causas para os resultados obtidos, a região do Grajaú (incluindo Vila Isabel e Andaraí), por ser residencial e de classe média, pode "oferecer uma maior possibilidade de interesse de criminalidade".

Marco Aurélio Ruediger acrescenta haver elementos que fogem ao controle do policiamento que influenciam na "sensação de segurança" dos moradores:

— É ter iluminação, pessoas andando na rua, a vizinha que fica na janela. Isso dá segurança às pessoas. A sensação de que tem vida na rua.

BAIXA ESCOLARIDADE

O levantamento da FGV identificou ainda que a maioria dos presos da cidade sequer concluiu o ensino fundamental (52,2%). Apenas 0,6% deles tem ensino superior completo. A cor de pele declarada mais comum é parda (45,7%), seguida pela branca (26,7%) . Negros são 25,9%.

João Paulo Garcia, de 35 anos, fez parte desse universo. Preso no fim de 2006 por tráfico, ele chegou a gerenciar a venda de drogas na Vila dos Pinheiros, comunidade do Complexo da Maré, onde nasceu. Seu melhor amigo era sobrinho do então gerente do varejo de drogas. Desde pequeno, ele fazia pequenos favores para o bando:

— Para quem é muito novo, a cadeia é uma oficina do crime. O cara muitas vezes é ladrão de celular e sai como gerente da boca de fumo. Não se ressocializa. Conheci vários lá dentro que continuaram no crime. Eu diria que 99%.

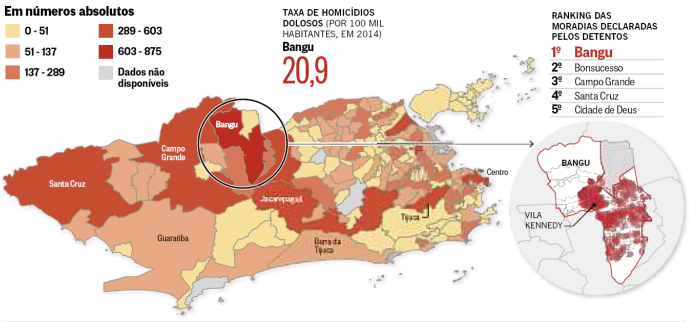
Meses depois de deixar da prisão, em 2009, João foi procurado por um mediador da ONG AfroReggae. Hoje, coordena o projeto Segunda Chance, encaminhando ex-detentos ao mercado de trabalho. E continua indo à Maré, estimulando alguns jovens a desistirem do caminho que um dia já seguiu. ●

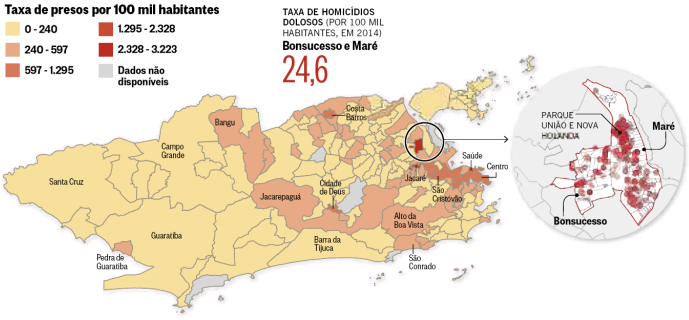
> O levantamento não quer estigmatizar moradores, e sim ajudar o poder público a dirigir investimentos em programas sociais

OS NÚMEROS DO LEVANTAMENTO

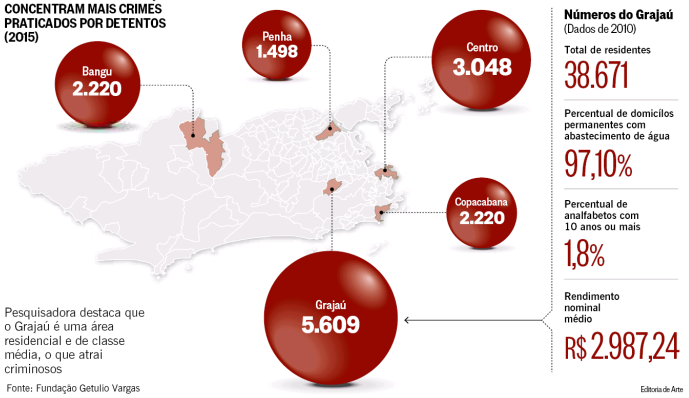
FORAM ANALISADOS DADOS DE 18.438 PRESOS NA CIDADE DO RIO

OS BAIRROS DO MUNICÍPIO ONDE MORAVAM OS DETENTOS





BAIRROS OU DELEGACIAS QUE CONCENTRAM MAIS CRIMES PRATICADOS POR DETENTOS (2015)



Pesquisadora destaca que o Grajaú é uma área residencial e de classe média, o que atrai criminosos

Fonte: Fundação Getulio Vargas

Editoria de Arte